

Monitoramento da Cultura de Cana-de-Açúcar no Estado de São Paulo

I. PANORAMA

Nesta edição do boletim entrevistamos Luciano Rodrigues, Gerente de Economia e Análise Setorial da UNICA (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), para falar sobre o momento atual do setor, que passa por um período de recorde de unidades em recuperação judicial.

Luciano Rodrigues esclarece que a situação atual deve ser explicada desde 2003 quando começou uma grande expansão da produção com grandes investimentos no setor. O primeiro abalo surgiu em 2008, com a crise internacional, “O crédito secou e empresas que queriam entrar no setor preferiram adquirir as usinas que estavam em dificuldade em vez de instalar greenfields”.

“De lá para cá o aumento nos custos de produção decorrente de problemas econômicos, condições climáticas desfavoráveis, maiores exigências ambientais e trabalhistas, entre outros, e a política de precificação e tributação da gasolina eliminaram as margens do setor produtivo, com consequente aumento no endividamento do setor”. Luciano ainda explica que, em média, atualmente cerca de 16 reais de cada tonelada de cana vão para o pagamento de juros, isso equivale a 0,20 centavos por litro de etanol.

A recente desvalorização do câmbio trouxe melhor competitividade no mercado externo,

porém foi prejudicial para as usinas com dívidas em dólar. Neste cenário é possível observar que, desde 2008, 80 usinas já fecharam as portas em todo o Brasil. Somente neste ano já são 9 usinas fechadas no Centro-Sul.

Luciano Rodrigues aponta que o grande fator para isso estar acontecendo é a falta de políticas em prol não só do setor sucroenergético, mas em combustíveis no geral. O congelamento do preço da gasolina pelo governo para controle inflacionário fez com que o etanol fosse comercializado por muito tempo abaixo do custo e ao mesmo tempo a Petrobrás se descapitalizou pelo prejuízo de importar gasolina e vendê-la por um preço menor no mercado interno.

Esse cenário fez com que investimentos no setor sucroalcooleiro desaparecessem. Luciano acrescenta que “O tempo necessário para recuperação do capital investido em uma usina é de dez a quinze anos e a indefinição sobre o futuro

Destaque

Perspectivas para o futuro do setor são boas, mas o desafio é manter-se vivo até lá.

da matriz de transportes dificultam a realização de novos investimentos para a expansão da produção”.

Esse cenário de fechamento de unidades pela primeira vez pode afetar a produção, pois até então a capacidade de processamento ociosa das usinas era muito grande, por isso elas também processavam a cana de usinas fechadas. Porém, Luciano alerta que “Com a saturação da capacidade de processamento das usinas, é quase certo que essa safra terminará com muita cana em pé”.

Para Luciano o panorama futuro para a cana ainda apresenta fundamentos promissores. Pois, para o açúcar, o excedente mundial está quase equalizado e o crescimento da demanda deve permanecer em torno de 1,5% a 2% por ano (cerca 3 milhões de toneladas/ano) nos próximos anos. Nesse contexto, o Brasil se constitui como um dos poucos países, talvez o único, com condições para acompanhar o crescimento esperado para o consumo no médio e longo prazo. Já para o etanol, o cenário é de um déficit de com-

bustíveis no mercado interno, reconhecido por diversos representantes do governo em material apresentado pelo CNPE (Conselho Nacional de Política Energética). Além disso, a COP 21, que acontecerá no final do ano, exigirá que o Brasil apresente os planos do país para a redução de gases do efeito estufa e, no cenário atual, o que poderia colaborar para a redução do saldo no balanço de emissões é o uso de biocombustíveis e bioenergia, e o etanol de cana é o único biocombustível avançado de primeira geração.

“Para aproveitar esse futuro promissor, o setor precisa manter-se vivo no momento. As usinas que estão prosperando atualmente são as que tem uma gestão enxuta com otimização de uso dos recursos, mas que sobretudo não estão endividadas”.

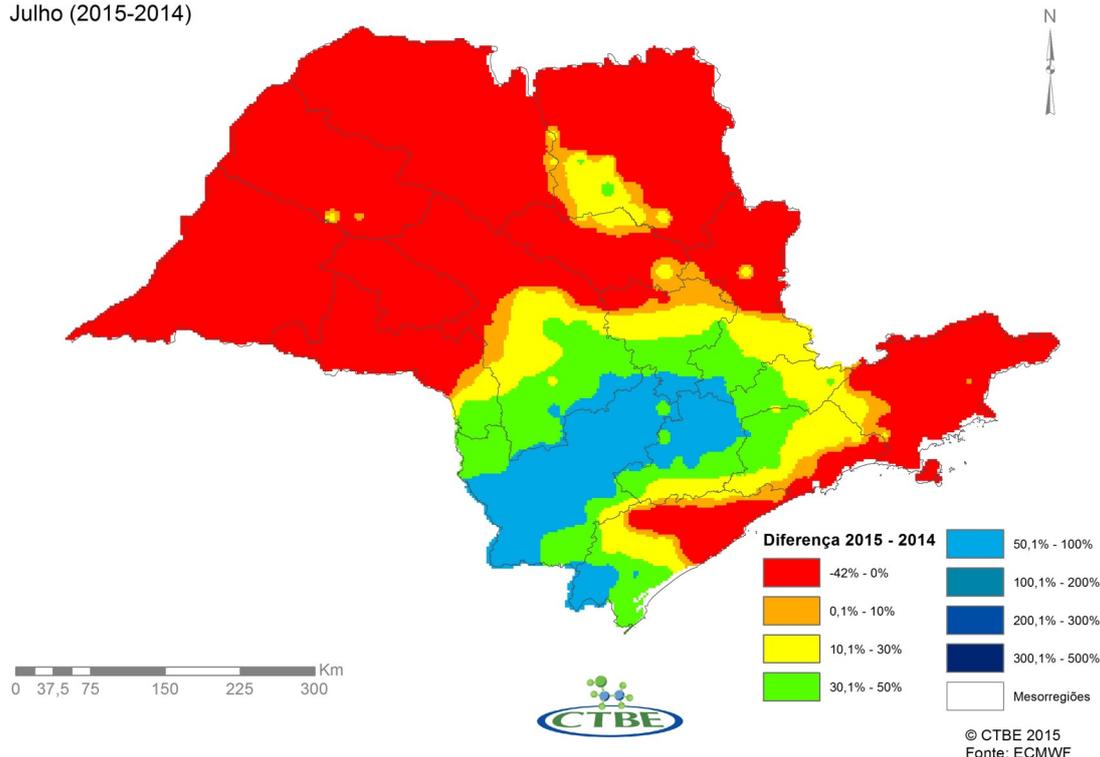
Para Luciano o governo precisa conduzir políticas que privilegiem os biocombustíveis e bioeletricidade pelos benefícios econômicos, sociais e ambientais trazidos pelos mesmos. Somente assim o horizonte futuro pode ser mais concreto e esse período de transição possa ser menos doloroso.



Foto: Daniel Duft

Diferença de Precipitação

Julho (2015-2014)



Julho deste ano apresentou déficit de chuvas comparado com julho de 2014, com exceção na região sul do estado de São Paulo, que apresentou precipitação de 10% a 100% acima do ocorrido em julho de 2014.

II. SEMÁFORO DE DESEMPENHO DA SAFRA DO MÊS DE JULHO

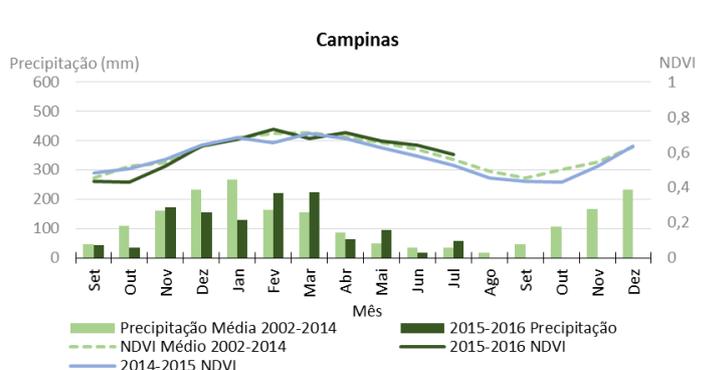
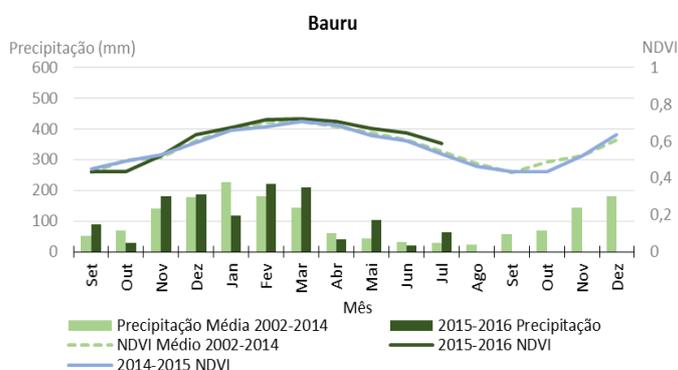
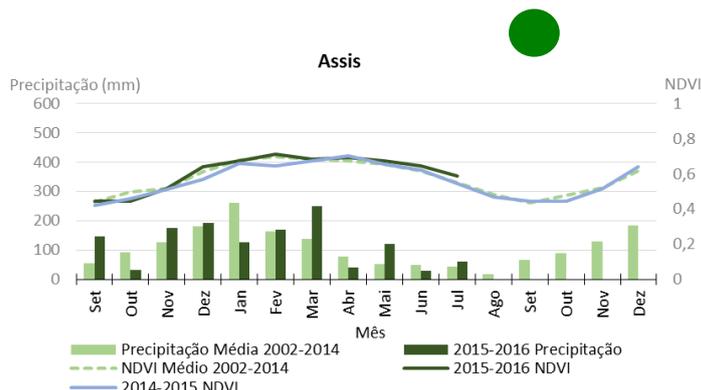
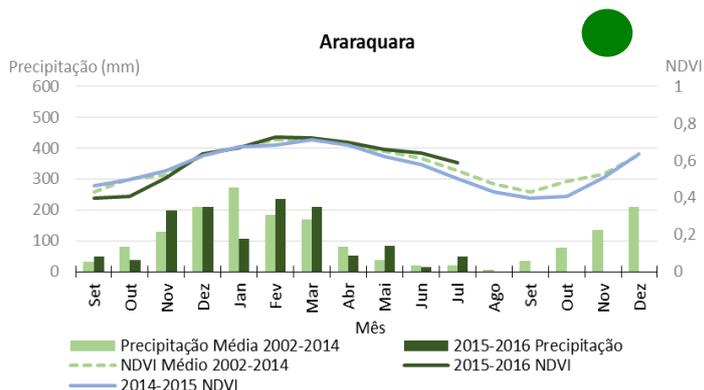
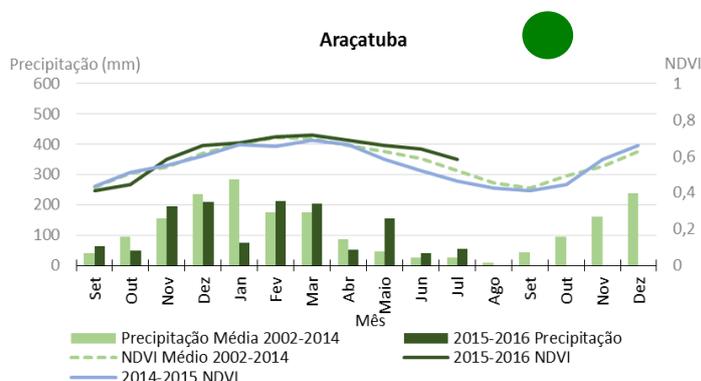
Semáforo de Julho



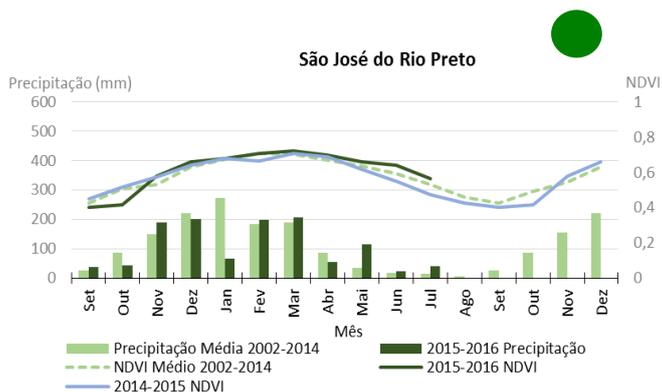
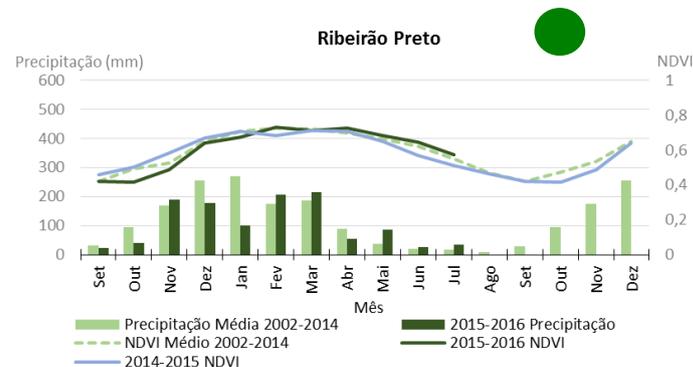
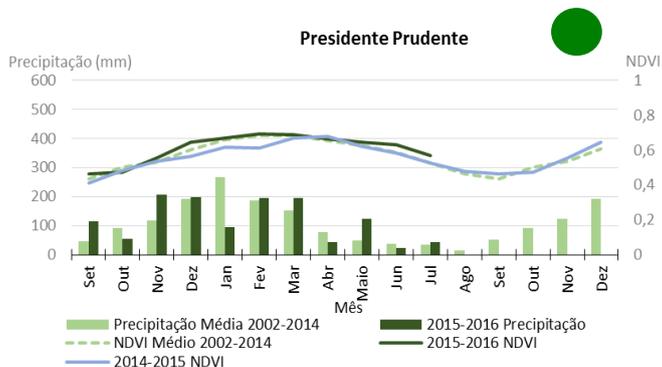
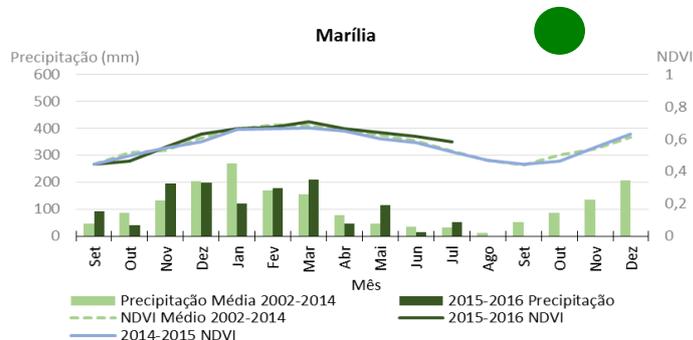
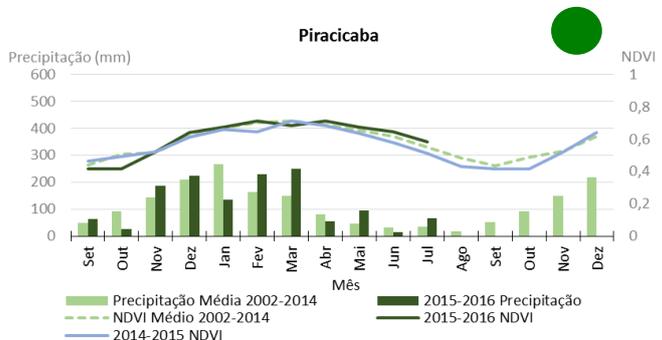
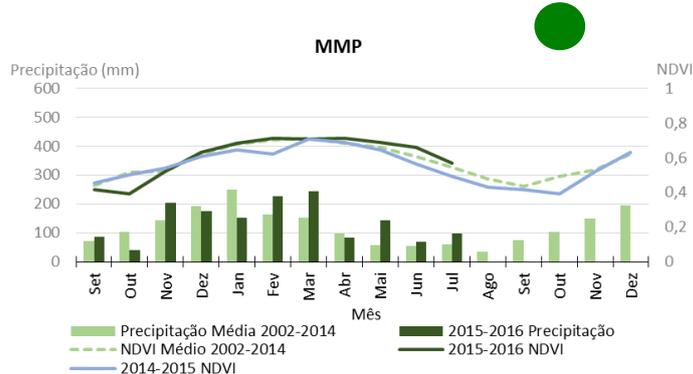
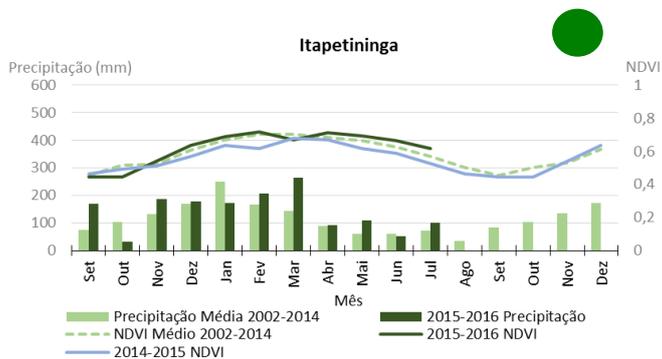
*Desvio padrão: mede a dispersão do valor de cada evento em torno da sua média.

III. DESEMPENHO DA SAFRA DO MÊS DE JULHO

Os índices de vegetação no mês de julho estão acima da média histórica, e indicam um bom desenvolvimento da safra 2015/16. Parte desse desempenho se deve aos índices de precipitação de julho ser acima da média. Como os valores de NDVI* mantêm-se acima da média, isso indica que a safra tende a ter um desempenho total acima do esperado.



*O NDVI é um índice que está diretamente correlacionado com vários parâmetros da vegetação como o índice de área foliar (IAF) e a biomassa.



REFERÊNCIAS

ECMWF

<http://www.ecmwf.int/en/research/climate-reanalysis/era-interim>

REALIZAÇÃO



EQUIPE

Jansle Vieira Rocha

Coordenador FEAGRI-UNICAMP

Michelle C. A. Picoli

Coordenadora CTBE

Daniel Garbellini Duft

CTBE

Cauã G. Miranda

CTBE

Agmon Moreira Rocha

UNICAMP